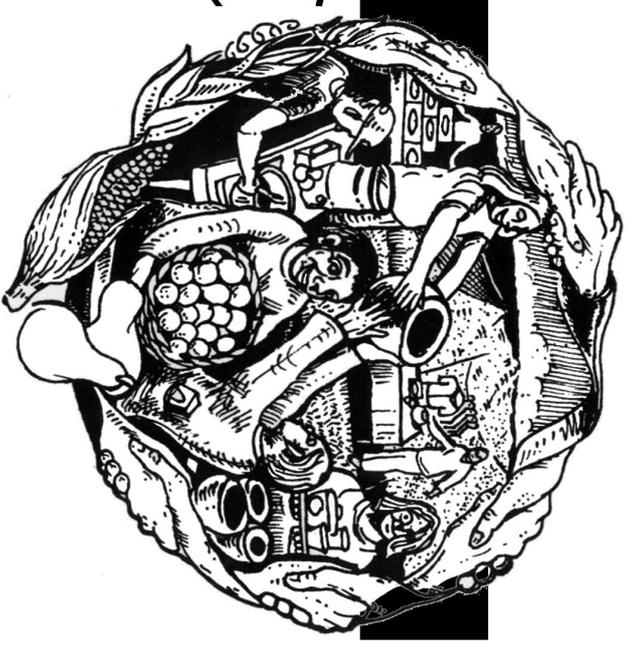


Economias Coletivas



**Construindo a
economia que queremos
no campo e na cidade**

A economia que queremos. construindo economias coletivas no campo e na cidade



Programação
8:00 - café da manhã
9:00 - Boas-vindas; apresentação do encontro, de seus objetivos e da programação; anúncio dos grupos presentes.

10:00 - Apresentação dos grupos.
12:30 - Almoço

14:00 - Apresentação da Flaskô: Fábrica ocupada e administrada por quem lá trabalha.

15:00 - Qual economia queremos?

gt: Do financiamento ao investimento coletivo. Grupo disparador: GIC (grupo de investimento coletivo)

gt: Da comercialização à circulação. Grupos disparadores: Roça (outros à confirmar)

gt: Da exploração à produção coletiva. Grupos disparadores: Grupo Ecológico de Magé (outros à confirmar).

16:00 - A economia que queremos!

17:00 - Apresentações musicais

Entendemos formas coletivas de fazer e pensar economia em todas as esferas (produtiva, distributiva, consumidora, investiva) enquanto uma ferramenta de uma transformação social mais profunda. Ela é um meio (não um fim por si só), através do qual movimentos sociais no campo e na cidade podem organizar e fortalecer suas lutas, embora sem que toda sua agenda focasse nas questões econômicas e sem que haja um desvínculo da questão econômica das demais questões sociais e culturais que dão base a nossa luta popular.

24/11 . a partir das 8hs . Morro do Timbau. Mare (passarela 8 da Av. Brasil)
Loja da Roça! Rua Coetés, 82.
email: economiascoletivas@gmail.com site: economiascoletivas.noblogs.org

Construindo Economias Coletivas

Em novembro de 2012 aconteceu no *Centro de Cultura Social* em Vila Isabel o EROPA (*Encontro Regional de Organizações Populares Autônomas*, vinculado ao ELAOPA - *Encontro Latino-Americano de Org. Populares Autônomas*). Esse encontro foi organizado pelos movimentos: MTD-*Pela Base* (atual MOB), MCP, OP, Mutirão, FIST, OATL. Numa das comissões (Economia Solidária) discutimos o significado da Economia Coletiva e Popular para os movimentos sociais emancipatórios e para uma transformação radical da sociedade. Surgiu a ideia de realizarmos, em 2013 um encontro de movimentos sociais e grupos que desenvolvem atividades no âmbito da Economia Coletiva e Popular.

Entendemos formas coletivas de fazer e pensar economia em todas as esferas (produtiva, distributiva, consumidora, investiva) enquanto uma ferramenta de uma transformação social mais profunda. Ela é um meio (não um fim por si só), através do qual movimentos sociais no campo e na cidade podem organizar e fortalecer suas lutas. Embora sem que toda nossa agenda foque nas questões econômicas, estas devem estar relacionadas às demais questões sociais e culturais que dão base a nossa luta popular. Entendemos a coletivização das nossas atividades econômicas como contraponto à lógica individualizadora do capitalismo. Não podemos esquecer que apesar de organizados coletivamente os limites do que podemos alcançar são os limites do próprio sistema e mercado capitalista. Sem romper com o próprio capitalismo não haverá uma vida e Economia verdadeiramente coletivizadas, portanto iniciativas de coletivização nunca podem estar isolados e/ou depender da boa vontade de governos ou ONGs e precisam sempre estar embutidos em contextos mais amplos de luta e organização popular.

Portanto, convidamos grupos e movimentos populares que atuam nesse sentido, para juntos construirmos um encontro que pudesse trazer diversas experiências da cidade e do campo. Este encontro ocorreu no 24/11/2013. Neste caderno juntamos alguns documentos que construímos e discutimos neste processo e que continuam importantes ao continuarmos articulados na **Rede Economias Coletivas - Construindo a economia que queremos no campo e na cidade.**

“Viva o coletivo!” “Viva!”

Eis a palavra de ordem que ecoou pela Quadra do Corações Unidos na tarde do domingo de 24 de novembro. A quadra, que fica no morro do Timbau, uma das favelas da Maré na Zona Norte do Rio de Janeiro, hospedou neste dia o encontro **A Economia Que Queremos. Construindo Economias Coletivas no Campo e na Cidade.** O encontro uniu coletivos e movimentos sociais para trocar experiências e fortalecer os laços entre iniciativas populares baseadas na autogestão, no respeito e no apoio mútuo. Trabalhos onde não há patrão e nem empreendedorismo individual e sim empenho e gestão coletivos. Vieram companheiras e companheiros de mais de dez municípios da região metropolitana e onze grupos, que coletivamente desenvolvem trabalhos para apresentaram suas experiências.

O encontro foi fruto de um processo de um ano de encontros de preparação, desde que teve a ideia de realizá-lo - uma ideia que surgiu a partir do Encontro Regional de Organizações Populares Autônomas (EROPA), que ocorreu no Centro de Cultura Social (CCS) em Vila Isabel, em novembro de 2012. Construíram juntos para realizar o encontro integrantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), Movimento das Comunidades Populares (MCP), iniciativa por uma Universidade Popular Autônoma do Centro (UPAC) e do Coletivo Roça!. Nos dias anteriores ao encontro um mutirão foi realizado para preparar tudo para o dia. Assim foi possível, pelo esforço coletivo, realizar este encontro com poucos recursos financeiros, que foram levantados através do apoio dos três Grupos de Investimento Coletivo (GIC) que existem no Rio de Janeiro, do Sindicato dos Servidores do Colégio Pedro II (SINDSCOPE) e da UPAC.

No encontro, o *Movimento das Comunidades Populares (MCP)* esteve representado por quatro grupos, o mercadinho coletivo, a creche comunitária e o grupo de produção de produtos de limpeza, todos atuantes com base na favela Chico Mendes (Pavuna), tais como os *Grupos de Investimento Coletivo (GIC)*. Todos estes grupos trabalham nas bases de forma coletiva para resolver problemas imediatas do povo para construir sua autonomia, objetivo que atravessa os trabalhos do MCP que é baseado nas dez colunas do movimento. Entre educação, saúde, lazer, e outros a economia coletiva é uma das colunas.

Também aposta em formas de produção coletiva o *Movimento de Organização de Base* (MOB) que apresentou seus planos de produzir pães e bolos em autogestão com base no Centro de Cultura Social (CCS) em Vila Isabel. O Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) esteve presente não somente com um ótimo café direto da roça, mas também com uma apresentação da visão e prática de luta do movimento pela emancipação do campesinato. Atuando em conjunto, desde a produção até a comercialização, o movimento cria formas coletivas e sem exploração para produzir alimentos e levá-los até os consumidores.

Também esteve presente a *Cooperglicério* de São Paulo, que não luta apenas pela necessidade de sustento econômico de seus trabalhadores, mas também contribui com a sociedade num sentido amplo com seu trabalho de reciclagem e reutilização de materiais que a sociedade de classes despeja nas ruas e nos lixões sem menor preocupação. Já o produtor de mel e cachaça artesanal envelhecida, Augusto, trouxe toda uma gama de produtos do sul de Minas.

Enquanto que a Roça!, junto a moradores do Timbau, ofereceu diversos de seus produtos naturais, como também DVDs e livros. A Roça! apresentou sua proposta de trabalho, que vincula a busca por uma atuação autônoma na favela ao trabalho coletivo de comercialização. Contou também sobre a conquista de seu pequeno espaço comunitário. Ressaltaram que não dependem de financiamento externo, como é o caso de Organizações Não Governamentais (ONGs) e Organizações de Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPs), e que por isso não ficam reféns dos interesses privados. Seus componentes fazem uma avaliação que estes dois tipos de associação, ONGs e OSCIPs, hoje tão comuns, atuam nos territórios de favelas inseridas em relações de poder que muitas vezes dificultam a luta pela construção do poder popular. Na contramão das relações de poder os integrantes da Roca! entendem que sem o nosso sustento econômico, sem recursos próprios, não teremos autonomia política nas favelas. Sem autonomia política não teremos força para lutar e construir um movimento comunitário de resistência, organizado pela base e protagonizado por seus moradores. Isso vai bem no sentido da chamada do encontro, que identifica na economia “um meio (não um fim por si só), através do qual movimentos sociais no campo e na cidade podem organizar e fortalecer suas lutas.”

Está há mais de duas décadas nesta luta por emancipação da classe trabalhadora, a Associação dos Produtores Autônomos do Campo de da Cidade (APAC), que está situada em São João de Meriti e elabora e estimula tecnologias sociais que abrem possibilidades de apropriação de meios de produção pelos trabalhadores sem que haja a necessidade de investimentos de grandes quantidades de dinheiro. A técnica apresentada pela APAC de produzir vassouras com fios de plástico de garrafas PET impressionou e o MCP entrou em diálogo para iniciar uma produção própria destas vassouras com o apoio da APAC. Nos próximos meses a APAC vai repassar o conhecimento e a tecnologia e vai fornecer as máquinas necessárias, desenvolvidas e construídas pela própria APAC, para realizar a produção. Com isso mais um grupo coletivo ganhará forma e fortalecerá a luta popular nas bases.

Também foi bem simbólico neste sentido que, no mesmo dia em que uma matéria no jornal O Globo falava da necessidade de investimento mínimo de R\$ 200.000,00 para se produzir cerveja artesanal, o cervejeiro independente André da *Associação dos Cervejeiros Artesanais Cariocas (AcervA)* apresentou seu trabalho de produção de cerveja caseira, apresentando a possibilidade de se iniciar uma produção independente com um investimento em torno de R\$ 2.000,00. Integrantes do Fórum Popular de Apoio Mútuo, que também apoiou a realização do encontro, combinaram de realizar um curso de formação e repasse de conhecimento do equipamento necessário para formar um primeiro núcleo de produção coletiva de cerveja artesanal em uma favela, com apoio de base do Movimento *Favela Não Se Cala*.

Uma outra forma de produção coletiva foi apresentada pelo grupo de pesquisa Outras Economias do LEMTO (*Laboratório de Estudos de Movimentos Sociais e Territorialidades*): a produção de conhecimento das nossas formas de lutar, nos organizar e fazer economias coletivas. Neste sentido, a própria programação do encontro apontou para o amplo conjunto de campos nos quais precisamos atuar e pensar juntos para construir economias coletivas, de baixo e com um horizonte de busca por autonomia: em três grupos de trabalho, os cerca de 60 participantes do encontro discutiram questões “do financiamento ao investimento coletivo”, “da comercialização à circulação” e “da exploração à produção coletiva”. É um longo caminho, que nem por isso devemos deixar de trilhar desde já, no dia-a-dia, no aqui e agora.

Durante o encontro e na posterior reunião de avaliação, foi combinado de continuarmos articulando os trabalhos dos grupos no âmbito da Rede Economias Coletivas - construindo a economia que queremos no campo e na cidade. Continuaremos em contato via um grupo de e-mail reunindo os mais de 50 participantes do encontro e divulgando informações no blog <https://economiascoletivas.noblogs.org/> onde também está disponível este caderno em formato pdf. Os 3 GTs “investimento coletivo”, “circulação” e “produção coletiva” serão mantidos para dar continuidade às suas tarefas de aprofundar os conhecimentos nas referidas áreas e fortalecer os laços entre os grupos. Pretende-se criar uma lista de links com produtos e serviços da própria rede e os grupos combinaram de realizar visitas para conhecer os trabalhos mutuamente. Também estará na pauta de ver a possibilidade de iniciar Grupos de Investimento Coletivo (GIC) em favelas onde os grupos e movimentos da rede atuam.

O encontro também prestou homenagem à resistência negra, e crianças do Grupo de Capoeira Angola Mocambo de Aruanda, representado pelo capoeirista Paulista, apresentou seus ritmos e seu jogo durante o encontro e o Repper Mais Preto do coletivo Us Nequin Que Não C Kala encerrou o encontro. Já durante o encontro o artista Paul da Alemanha grafitou uma grande faixa com os dizeres:

Nos Quilombos, nas favelas!

Viva a Resistência Negra e Popular!

Viva Zumbi!

Viva o Coletivo!

Economia Solidária: Reformismo ou Libertação?

Segundo o titular da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENES) Paulo Singer, a Economia Solidária vem crescendo em torno de 20% ao ano. Hoje já seriam 2 milhões e 500 mil pessoas integradas a esse tipo de economia. O Rio Grande do Sul estaria em primeiro lugar e o Ceará em segundo. O Nordeste é a região a onde existe o maior número desse tipo de empreendimento. Em 2007 a Economia Solidária movimentou 8 bilhões de reais, segundo o secretário da SENES.

O que é Economia Solidária?

Segundo várias publicações de diversas entidades, Economia Solidária é uma maneira diferente de produzir, vender, comprar e trocar. É uma economia que tem como centro o ser humano, e não o lucro. Não explora ninguém porque não tem patrão. A Economia Solidária é uma prática que tem como princípios: Autogestão, Democracia, Solidariedade, Cooperação e Respeito à Natureza. Nas comunidades do Movimento das Comunidades Populares (MCP), por exemplo,, a Economia Solidária são os Grupos de Sobrevivência Coletiva: GIC (Grupos de Investimento Coletivo e Ponto de Caixa - finanças); GPC (Grupos de Produção Coletiva - produção); GVC (Grupos de Vendas Coletivas - compras, vendas e trocas de mercadorias) e GTC (Grupos de Trabalho Coletivo - prestação de serviços).

Como surgiu a Economia Solidária?

Depende de como fazemos o estudo da história. Se olharmos só a história recente, chegaremos à conclusão que a origem da economia solidária foi a partir do fortalecimento do Neoliberalismo na década de 90, que desempregou muitos trabalhadores. Na falta de perspectiva de conseguir um novo emprego, surge a Economia Solidária como alternativa.

Se procurarmos aprofundar mais a história, vamos ver que esse tipo de economia a classe operária já experimentou no século 19, na Europa e nos Estados Unidos antes do advento do Marxismo. Era o chamado Socialismo Utópico com suas cooperativas de produção, consumo, vendas, créditos, etc. Porém, antes do surgimento da classe operária, foram os camponeses que

praticaram a Economia Solidária. Durante toda sua história, fizeram inúmeras experiências de economia coletiva pra produzir e ou comercializar seus produtos.

A religião sempre foi importante para esses grupos coletivos. Na pré-história, as Comunidades Primitivas sobreviviam da economia coletiva. Ninguém era dono dos rios onde os humanos pescavam; das matas onde colhiam as frutas e dos animais que eram caçados para as pessoas se alimentarem.

No Brasil os povos indígenas, antes da invasão portuguesa, sobreviviam do trabalho coletivo. Os escravos, quando fugiam, criavam Quilombos onde produziam coletivamente. Os camponeses praticavam o trabalho coletivo através dos mutirões e troca de dias para plantar ou colher suas lavouras. Abrir estradas, fazer pontes, construir salão de festas, casa de oração, cemitérios, etc. Essa prática era comum nas áreas camponesas. Mas havia também algumas experiências de economia solidária que foram verdadeiros questionamentos ao sistema vigente. Exemplo disso foi Canudos, na Bahia (1897) e Caldeirão, no Ceará (1934). E centenas de outras experiências em várias regiões do Brasil.

A classe operária brasileira, no começo de sua história, influenciada pelos imigrantes anarco-sindicalistas, iniciou uma organização independente e autônoma dos trabalhadores. A partir de grupos com suas caixas de ajuda mútua nas fábricas e da organização sindical como escola de luta e formação, defendiam uma sociedade igualitária. Essas experiências chegaram ao fim sob o populismo autoritário do governo de Getúlio Vargas. Reprimiu a vanguarda operária e cooptou a massa mais atrasada através do Ministério do Trabalho.

Com o fim do anarco-sindicalismo, surge o PCB (Partido Comunista do Brasil). Apesar da política de sua direção sempre estar desligada da realidade do povo, alguns militantes de base realizaram excelente trabalho de organização dos trabalhadores. Dois exemplos ilustram bem esta afirmação. O Sindicato dos Mineiros de Nova Lima - MG (1934-1944), e a Reforma Agrária dos posseiros de Trombo e Formosa, em Goiás (1954/1964).

Como podemos ver a Economia Solidária não nasceu agora, e nem surgiu da cabeça de alguns intelectuais nas universidades. Ela faz parte da vida dos

trabalhadores desde a pré-história. Seja em outras regiões do planeta, seja aqui no Brasil. Por isso, nós sempre repetimos: “Antes de ensinar ao povo, devemos aprender com ele”.

A Economia Solidária corre o risco de se tornar como a “cidadania”, que todos concordam, mas quase ninguém pratica?

A Economia Solidária virou mania. Movimentos, Entidades, ONGs, Igrejas, Governos, até empresários, são a favor da Economia Solidária. Se por um lado isso é bom, por outro é perigoso. As classes dominantes são especialistas em apoiar o que não conseguem destruir para esvaziar o seu conteúdo libertador. Aquilo que parece apoio bem intencionado pode ser um instrumento de cooptação das lideranças populares. Com isso, os militantes voluntários viram assessores remunerados.

Os “Encontros de Formação” a partir da prática dos grupos de base se transformam em “cursos técnicos” conduzidos por assessores e técnicos que, na maioria das vezes, não têm experiência própria do que estão ensinando. Com isso, os que estão com a mão na massa quase não falam, com medo de errar diante dos assessores e técnicos.

A linguagem é totalmente nova. Introduzida pelos “formadores de opinião”, as palavras do povo são substituídas por palavras de difícil compreensão. Os participantes dos cursos aprendem o palavreado técnico e com isso não conseguem se comunicar bem com o povo. A sua aceitação pela comunidade passa a depender mais do cargo que exerce do que de seu compromisso com a luta do povo.

Como garantir que a Economia Solidária se desenvolva como uma estratégia de libertação do povo e não uma prática reformista?

1. Quem conduz a experiência de Economia Coletiva, deve ter opção por uma Sociedade Comunitária que é o inverso do Capitalismo. E viver coerente com essa opção.

2. A Economia Solidária deve ser integrada à organização geral da Comunidade. Senão for assim, ela é apenas cooperativa e, como tal, é puro

economicismo. Na nossa experiência, a Economia Solidária é apenas uma Coluna entre as 10 Colunas da Comunidade Popular. As outras são: saúde, escola, moradia, infraestrutura, família, religião, esporte, arte e lazer.

3. A Economia Solidária precisa se auto financiar. Não pode depender de financiamento de fora. Quem depende dos outros não tem autonomia, e quem não é autônomo, nunca será livre.

Para a Economia Solidária se autofinanciar, é preciso combater o consumismo individualista que existe no meio do povo e incentivar o investimento coletivo. Em nossa experiência, o GIC é o principal meio de criar a autonomia financeira. Através dele, o dinheiro não volta para as mãos dos ricos. Pelo contrário, circula dentro e entre as Comunidades, beneficiando o próprio povo das Comunidades.

4. O método de trabalho deve ser a Democracia Participativa (LM) e o método educativo de Paulo Freire. O primeiro garante o princípio de: “Antes de ensinar ao povo devemos aprender com ele”; com isso evitaremos o cupulismo na organização popular. O segundo garante a participação das pessoas na formulação dos problemas, causas e saída. Com isso evitaremos o método expositivo/impositivo dos intelectuais acadêmicos e dos técnicos burocratas, que praticam a invasão cultural junto aos movimentos populares e, por isso, não educam para a “libertação”, mas apenas para a “inclusão”.

5. Os Encontros de troca de experiências são fundamentais para a formação e firmação dos Grupos de Economia Solidária. Porém, depende muito de como é feito o Encontro para atingir esses resultados. A própria realização do Encontro, o local, a data e a duração do Encontro devem ser pesquisadas com os grupos e suas lideranças. A Pauta (Roteiro) deve chegar aos grupos com tempo para eles se prepararem para o Encontro. A Comissão organizadora do Encontro deve acompanhar (estar informada) da discussão na base para ir adaptando a pauta do Encontro. O Encontro deve começar e terminar no horário previsto. O local deve ser ornamentado com o tema do Encontro. Deve ser bem animado com músicas ligadas ao assunto.

A Coordenação deve ter claro qual é o assunto principal, e esse deve ser

priorizado. A Pauta não pode ser maior do que o tempo que tem para discutir. O Encontro sempre deve partir da experiência contada pelas pessoas da base. Aos Coordenadores cabe coordenar o tempo, conduzir o debate para que apareçam os problemas, causas e saídas. Os assessores podem completar as informações, simplificando o que é complexo. Traduzindo em linguagem popular as palavras e conceitos técnicos e acadêmicos. Sempre de acordo com a necessidade dos grupos de base e não dos interesses dos técnicos e assessores.

6. A Economia Solidária deve servir para enfrentar o capitalismo a partir da prática e apontar para a NOVA SOCIEDADE que tanto falamos. Por isso ela deve ser Independente, Autônoma e de Massas. A Economia Solidária deve ser a base econômica das Comunidades. Sua direção deve ser radical (não autoritária) para não ser cooptada pelo sistema que quer incluir as minorias para manter excluída a maioria.

Texto publicado no Jornal Voz das Comunidades em Julho de 2010

Quatro orientações para a economia que queremos

A organização econômica sempre foi uma necessidade política dos Movimentos Populares. É através da economia que os politiquinhos procuram controlar as Comunidades. Portanto, é preciso organizar economicamente a Comunidade, para ter independência política.

Sociedade é onde todos são sócios. Considerando que nós vivemos em um sistema capitalista e, por isso, individualista, excludente por natureza, gerador de pobres, o nosso projeto de economia coletiva deve ser para construir uma alternativa comunitária e substituir este sistema. Se o objetivo do projeto econômico é construir alternativas comunitárias para substituir o sistema, o projeto tem que ser diferente do que comumente se faz.

Orientações a partir da prática

Pela nossa experiência, os grupos que vão começar uma produção ou comercialização coletiva devem começar com recursos próprios. Isso pode parecer absurdo.

Como os pobres vão ter recursos para investir?

No nosso entendimento, os recursos devem vir do consumismo dos pobres. Se os ricos são consumistas porque gastam além das necessidades, os pobres, para imitar os ricos ou a classe média, retiram das necessidades para comprar o supérfluo como carro, moto, aparelhos eletrônicos, bebida alcoólica, roupas de marca, produtos de beleza, etc. Esses bens geralmente não são comprados por necessidade, mas por influência da propaganda. Quando há necessidade, deixam de ser supérfluos, mas, mesmo assim, na maioria dos casos, poderiam ser adquiridos no coletivo. Os pobres precisam aprender que, além de consumir, é preciso investir.

1ª Orientação: Economizar o dinheiro do consumismo individualista para investir no projeto coletivo

2ª Orientação: O projeto deve começar pequeno

Quando o grupo é pequeno é mais fácil administrar. Não há necessidade de fazer curso de administração, contabilidade, etc. Os pequenos negócios vão revelando as pessoas que têm dom para cada tarefa. As trocas de experiências entre os grupos nos Encontros e as leituras de materiais de avaliação das experiências vão desenvolvendo a capacidade administrativa dos participantes. Com o tempo, os grupos devem ir crescendo em renda e número de pessoas. Aí sim, podem adquirir recursos externos. Na nossa experiência temos os Grupos de Investimento Coletivo (GICs) nas Comunidades. São Bancos Comunitários que fazem empréstimos para os grupos que já demonstraram, na prática, que têm capacidade de gerir um projeto de Economia Coletiva.

3ª Orientação: O grupo deve participar de outras Colunas da Comunidade

Participar de outras Colunas ajuda a resolver outras necessidades das pessoas do grupo como saúde e moradia, por exemplo. Por outro lado, participar de Colunas como Religião, Arte, Lazer e Escola ajuda a desenvolver a consciência comunitária dos membros dos grupos. Se ficar só no Grupo de Produção, Vendas ou Serviços vira cooperativismo, onde o interesse é só econômico-financeiro.

4ª Orientação: Praticar a Política Participativa

Tudo deve ser resolvido, decidido ou aprovado em reunião. As decisões devem ser anotadas para serem avaliadas depois. Esta orientação é importante, porque nos grupos de economia coletiva sempre aparecem dois tipos de consciência. Um é a consciência de patrão, quando a pessoa quer mandar nos outros e ganhar mais do que todos. Não gosta de decisões coletivas. Acha que, sem sua presença, o grupo acaba. O outro tipo é a consciência de empregado. Este companheiro age como se estivesse trabalhando em uma empresa privada. Não vê vantagem em participar de reuniões, acha que é perda de tempo. Vive procurando emprego para ganhar mais. Não se preocupa com os problemas do grupo, com a produção, com a qualidade, com o prazo de entrega, com as vendas. Não se preocupa em se relacionar bem com os clientes e fornecedores. Não consegue deixar o consumismo, vive se endividando.

Esses dois tipos de consciência - patrão e empregado - facilmente destroem os Grupos Coletivos e, junto com eles, o projeto econômico da Comunidade.

Para o projeto dar certo é preciso ter no grupo uma terceira força ideológica: a consciência coletiva ou comunitária, que valorize a opinião de todos, entenda que a renda é importante e necessária, mas saiba que a garantia do bem-estar das pessoas depende muito mais da vida comunitária do que da renda do grupo. Saiba que, quem não vive em Comunidade, quanto mais ganha, mais gasta e acaba estressado. Quem vive em Comunidade ganha menos, mas vive melhor, só gasta o que é necessário e é mais feliz.

É com estas orientações que, desde 2001, viemos criando Grupos Coletivos de Produção, Vendas e Serviços nas Comunidades. São grupos de Costura, padaria, produtos de limpeza, bolsas de viagem, lojinhas, lanchonetes, comida caseira, mercearias, compras coletivas de frutas, verduras e cereais, hortas, roças, criatórios de animais, sorteios de cestas coletivas, consórcio de dinheiro (ponto de caixa), construção civil, lavanderia e outros.

Onde há cooperação, não existe exploração!

Valeu companheirxs!

Agradecemos xs apoiadorxs que ajudaram para realizar o encontro em termos financeiros, o Bloco *Se Benze Que Dá* pelo empréstimo do equipamento de som, o SINDSCOPE pela rodagem de panfletos, o apoio do Fórum Popular de Apoio Mútuo, a cooperativa *Liga Urbana do Movimento Nacional de Luta pela Moradia RJ* (MNLM) pelo almoço, o *Grupo de Capoeira Angola Mocambo de Aruanda*, o Repper Mais Preto do *Coletivo Os Neguin Que Não Se Cala*, o artista Paul da Alemanha pela confecção das faixas, a comunidade do Morro do Timbau pelo uso da *Quadra do Corações Unidos* e todas e todos que trabalharam juntxs para fazer este encontro acontecer. **Viva o coletivo!**

Fotos publicados de Alexandre, Adenildo, Tiago, Gizele. Valeu!

Prestação de contas do encontro Economias Coletivas

Apoios: R\$ 350,00 3 GICs/MCP, R\$ 300,00 SINDSCOPE, R\$ 130,00 UPAC

TOTAL R\$ 780,00

Gastos

Aluguel mesas e cadeiras (R\$ 100,00), tecido e tintas para faixas (61,00), material para os participantes - caderno, pasta caneta (R\$ 70,00), produtos de limpeza / papel higiênico (R\$ 27,30), 2 baterias para os microfones sem fio (R\$ 7,00), Adoçante (R\$ 3,50) biscoito para lanche (18,93), leite (15,92), pão (17,90), frutas para suco (R\$ 11,00), gelo (R\$ 13,00), água (R\$ 16,00), 2 cabos para caixas de som, contribuição para o uso do som (R\$ 40,00) passagem do compa Bispo de São Paulo (R\$ 150,00), diferença quentinhas (R\$ 40,00), gastos diversos (R\$ 2,20), papel e tinta caderno do encontro (R\$ 95,00)

Para o almoço foram pagos R\$ 10,00 por quentinha pelxs participantes.

Pagaram 47 participantes, somando R\$ 470,00. A diferença do total a pagar de R\$ 510,00 (60 quentinhas) tiramos do caixa geral. Uma parte das quentinhas foi distribuída gratuitamente.

Balanço: R\$ 780,00 (soma apoios) - R\$ 688,75 (soma gastos) = R\$ 91,25

O saldo positivo fica como recurso da *Rede Economias Coletivas*.



Este caderno foi diagramado com os programas LibreOffice Writer, LibreOffice Draw e PDF Shuffler no sistema operacional ubuntu 13.04 (Linux). Fontes: Sawasdee (texto) e Fully Completely BRK (destaques), Yoshi's Story game text BRK (capa). Impresso em impressora com sistema bulk-ink em papel reciclado.

O pdf está disponível em
<https://economiascoletivas.noblogs.org/>

Copyleft. Livre a reprodução para fins não lucrativos deste que citado a fonte